

## UMA PARÁBOLA CRISTÃ – UMA SEGUNDA VISÃO

Eduardo Ribeiro Mundim

Hélio Schwartzman escreveu um provocante artigo, disponível na internet<sup>1</sup>, com o título “Uma parábola cristã”. Não é um texto fácil para o crente – desperta, de imediato, reações de defesa instintivas. Mas não é um texto leviano. Suas ponderações não são um desfilhar de argumentos pueris. Merecem ser analisadas e, se for o caso, aceitas humildemente. É o que pretendo fazer nas próximas linhas.

**A interpretação da Bíblia:** “O que eu quis dizer e reafirmo é que códigos religiosos em geral e a Bíblia em particular estão repletos de passagens que, dependendo de como são lidas, justificam as piores violências”. Não há como negar a verdade da observação. A questão de como interpretar as Escrituras Sagradas não tem uma resposta única da comunidade cristã; a começar dos seus três grandes grupos: católico romano, católico ortodoxo e igrejas pós-reforma. E uma das razões de existirem tantas ramificações é a não uniformidade das regras de interpretação, os diferentes pontos de partida e as respostas discordantes a diversas questões. E o Velho Testamento é um farto arsenal de problemas.

A Lei de Israel era clara – e cruel, sob o ponto de vista atual, em diversos aspectos. A pena capital deveria ser aplicada a diversos crimes, desde o homicídio premeditado ao trabalho no sábado. A posição majoritária das grandes correntes cristãs é de que a lei civil, como a pena de morte, foram dadas ao povo de Israel em um dado momento do tempo, em uma condição histórica específica. No teor, não diferia muito das leis dos outros povos – alguns defendem que em certos pontos era até mais avançada. Portanto, a interpretação corrente é de que a aplicação direta da lei civil para a atualidade é incorreta (pois o conjunto legal pertencia a um outro contexto da relação de Deus com os homens) e incoerente com o restante da Revelação bíblica (Ele Se revela em Jesus, trazendo um novo contexto de relação com a humanidade).

A lei cerimonial, religiosa, onde estão determinadas a circuncisão, os sacrifícios, os festivais, o templo, etc, foi abolida pela cruz. Este é o entendimento cristão unânime.

Uma ressalva importante é o evento descrito no Livro dos Reis, capítulo 2, versos 23-24<sup>2</sup>. O profeta toma uma atitude, amaldiçoar crianças no nome do Senhor, porque elas estavam debochando de sua calvície. Duas ursas surgem e mata 42 delas. É bastante questionável afirmar que o texto ensina que o procedimento foi correto. Mas é um texto árduo de interpretar, pois em um primeiro momento poderia ser alegado que foi coincidência, e não uma relação de causa-efeito entre a maldição de Eliseu e o aparecimento e ação das ursas; contudo, como foi possível a elas pegarem 42 crianças? Como elas não escaparam? O fato da história ter sido escolhida para constar no Registro Sagrado também faz supor que há uma lição nela. Como entender?

**O Deus do Velho Testamento desaparece no Novo Testamento.** Esta afirmação é uma interpretação possível da aparente discordância entre os dois Testamentos. Outra interpretação possível é a da Comunidade Crista desde o seu início: o Deus do Velho Testamento revela uma face que não era vista até então. Ele se torna homem e habita entre homens, e vive como todos os seres humanos de uma época histórica específica, em um sítio geográfico determinado, experimentando a vida da perspectiva da humanidade, desde eventos simples, como empoeirar os pés nas estradas da Palestina e sentir fome e sede, a eventos complexos como ser vítima do sistema legal corrompido. Contudo, uma atenta leitura do Velho Testamento revela um Deus que ama. Ele escolhe um povo que não deseja amá-Lo, e o trai desde o primeiro instante<sup>3</sup>; todas elas dão oportunidade para o ministério de um profeta, Oseias, que se casa com uma prostituta como metáfora do relacionamento de Iahweh com aquele povo<sup>4</sup>; um Deus que se preocupa com anônimos na história; um Deus que exige

1 cf. <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/814080-uma-parabola-crista.shtml>

2 cf. <http://www.bibliaonline.com.br/acf/2rs/2>

3 Por exemplo, a construção do bezerro de ouro enquanto Moisés estava no monte sinai. Cf <http://www.bibliaonline.com.br/acf/ex/32>

4 cf. <http://www.bibliaonline.com.br/acf/os/1>

governo justo e relações justas entre os seres humanos; um Deus que tem uma mensagem à humanidade. Mas também é um Deus que executa julgamento e punição, difíceis de aceitar, através de guerras santas (coletivamente) e de castigos isolados (pecados pessoais). É verdade que Jesus ensina sobre a existência do inferno e do céu – ainda que exista uma opinião minoritária dentro da comunidade cristã que rejeita o inferno como um local de castigo eterno, considerando que os não-salvos simplesmente deixarão de existir<sup>5</sup>. Portanto, dizer que o Deus do Velho Testamento desaparece no Novo é uma questão do que se quer ver, ou não, dada a existência de outras hipóteses de igual valor. Deve ser lembrado que a vida não é simples, que seus eventos não são unicastais, e a cadeia de inter-relações de eventos é complexa. A beleza do Deus da Bíblia é não poder ser aprisionado em esquemas simples e previsíveis; até o modo escolhido para Se fazer conhecido foge do ordinário.

**A conservação do Velho Testamento na Escritura Sagrada.** Sim, seria mais fácil fazer como os políticos, enfiando o passado debaixo do tapete, como sugere Hélio. Mas assim como a vida é complexa, Deus é complexo, e Ele se revela de modo diferente a comunidades diferentes em épocas históricas distintas. A revelação do Novo Testamento é incompleta, não inteligível, sem o Velho, e Jesus ensina claramente ser o cumprimento das promessas do Velho Testamento – aliás, um dos objetivos do Evangelho de Mateus. Sua historicidade merece uma discussão à parte<sup>6</sup>. Prefiro dizer que o Novo Testamento apresenta uma aliança superior à do Velho Testamento<sup>7</sup> e sendo ambos uma unidade só, não é possível descartar o primeiro.

**A pessoa de Jesus.** Segundo Schwartzman, " (Jesus) jamais se pretendeu mais do que um bom rapaz judeu. Jesus fazia-se chamar de "Rabbi" (rabino) e jamais contestou os fundamentos da lei mosaica ou da Torah, a Bíblia hebraica. Mesmo do ponto de vista da ortodoxia judaica, nada do que Jesus fez ou disse podia ser considerado herético. O episódio da mulher adúltera, antes de constituir uma revogação da ordem anterior, é um truque inteligente para obter pela retórica sua libertação sem ter de ir expressamente contra a lei escrita." Esta afirmação somente seria verdadeira se todos os relatos dos Evangelhos fossem desacreditados. E em que base seriam? É verdade que Jesus era ortodoxo em Sua fé judaica. Mas Ele foi além ao se apresentar inquestionavelmente como o Messias (Cristo). Como já ressaltado por apologistas, negar que Jesus se apresentou como tal implica em negar a veracidade dos Evangelhos, ou torná-Lo mentiroso. O autor apresenta uma terceira, Jesus seria uma mistura de vários personagens, que se fundiram num só. É interessante que as bases para este conceito fossem apresentadas. Toda o relato evangélico é verossímil ao não crente, à exceção do episódio da ressurreição (porque o não crente que crer neste episódio tornar-se-á um crente), inexistindo razões para uma hipótese alternativa. A razão exterior (porque há razões teológicas, na meta-história) da condenação de Jesus foi Sua autoidentificação com o Pai, a denúncia da ética farisaica e a Sua completa independência em relação à hierarquia religiosa de sua época.

**A ruptura com o judaísmo.** Desde o princípio da comunidade cristã houve uma tensão entre aqueles oriundos do judaísmo e os gentios (cristãos não judeus), e esta tensão era teológica e cultural. O primeiro concílio da jovem igreja foi convocado para discutir a conversão de um centurião romano, assim como o seu batismo do Espírito Santo<sup>8</sup>; os diáconos foram instituídos para que o auxílio alimentar fosse igualitário entre as viúvas judias de fala hebraica e as judias de fala grega<sup>9</sup>. A difusão do Evangelho não foi realizada pelos apóstolos, mas pelos crentes comuns daquela época; muitas viagens do apóstolo Paulo foram para confirmar e instruir comunidades já existentes. O processo de ruptura foi gradual, e com certeza a destruição do templo de Jerusalém pelos romanos em 70 d.c. contribuiu para o evento. E esta ruptura era inevitável, pois os cristãos afirmam que Jesus é o Cristo – e os judeus não. E esta diferença de confissão implica no não reconhecimento de uma nova Aliança por parte dos últimos, e a uma rejeição da lei mosaica (principalmente nos aspectos religiosos e litúrgicos)

5 <http://pt.wikipedia.org/wiki/Aniquilacionismo>

6 Convido o leitor a ler uma avaliação em <http://www.medicinaeciencia.med.br/fecrista/flavio%20josefo%20e%20importante%20para%20a%20historicidade%20de%20Jesus.pdf>

7 Toda a epístola (carta) aos Hebreus foi escrita defendendo este ponto de vista. Cf <http://www.bibliaonline.com.br/acf/hb/1>

8 Cf. <http://www.bibliaonline.com.br/acf/atos/10> e <http://www.bibliaonline.com.br/acf/atos/11>

9 Cf. <http://www.bibliaonline.com.br/acf/atos/6>

pelos primeiros. E no âmbito da igreja cristã, o segundo concílio (majoritariamente judaico) desobrigou os cristãos gentios de seguirem a lei de Moisés<sup>10</sup>. Após a derrota para as legiões romanas, os judeus dispersos, sob a liderança farisaica, excluíram os cristãos como ramo do judaísmo, além de outras providências necessárias para a permanência do seu culto<sup>11</sup>.

Parece óbvio que a repressão romana caiu com maior peso sobre os que tomaram parte ativa na revolta do primeiro século, inexistindo razão para supor ter ocorrido discriminação entre os judeus não-cristãos e os cristãos. A situação se deteriorou de vez com a revolta do segundo século, quando foram expulsos da palestina pelos romanos.

A autoria dos quatro evangelhos é objeto de discussão. As evidências internas apontam para uma autoria judaica dos evangelhos de Mateus e João, e gentílica, o de Marcos e Lucas<sup>12</sup>. A afirmativa do caráter antijudaico deles fica a critério de cada leitor, e esta impressão não deveria ser terceirizada. Pessoalmente não enxergo em nenhuma linha das Escrituras, a começar de Gênesis, que possa subsidiar tal afirmativa. A única linha contrária que as perpassa é a do antipecado. Merece destaque a carta de Paulo aos romanos cristãos, onde a primazia judaica na revelação divina é reafirmada, assim como a promessa de Deus aos patriarcas – transpira nas palavras o cuidado e amor do apóstolo pelos seus compatriotas. É considerado o texto mais elaborado de Paulo, argumentativo desde o princípio – a tradução em linguagem contemporânea auxilia na compreensão do texto, e fica o convite para a leitura e análise daquela epístola.

**O papel do apóstolo Paulo.** A análise da figura de Saulo, por parte de Hélio, aponta para um possível raciocínio circular: como ele é cético sobre o testemunho do mesmo sobre sua própria vida, coloca todo o restante sob suspeita – mas, talvez por falta de espaço, não declina as razões para recusar a veracidade da conversão de Paulo. E esta pode ser aceita prescindindo dos elementos milagrosos, como a visão de Jesus que ele teve na estrada para Damasco. Ela pode ser tida como uma alucinação, mas os elementos de uma autêntica conversão religiosa estão nos relatos do evento. E mudança de religião, por verdadeira alteração de ponto de vista é matéria acadêmica na psicologia<sup>13</sup>.

O “senso de marketing” do apóstolo pode ser tomado em um sentido positivo. Suas viagens missionárias, descritas no livro de Atos dos Apóstolos<sup>14</sup>, foram planejadas, e não fruto de desejos momentâneos. Mas o sentido no texto do Schwartsman claramente não é elogioso. Suas conclusões são válidas a partir do momento que se considere todos os escritos paulinos (carta aos cristãos das cidades de Roma<sup>15</sup>, Corinto<sup>16</sup>, Éfeso<sup>17</sup>, Filipos<sup>18</sup>, Colossos<sup>19</sup>, Tessalônica<sup>20</sup> e região da Galácia<sup>21</sup>, e as pessoais para Timóteo<sup>22</sup>, Tito<sup>23</sup> e Filemon<sup>24</sup>) uma farsa no lugar do produto de muita reflexão teológica temperada pelo cuidado pastoral com as comunidades fundadas e/ou acompanhadas por ele. O raciocínio seria válido se, baseado em evidências internas consistentes de todos os escritos assumidos pelo apóstolo, fossem apontadas razões que subsidiassem a farsa.

Não há como negar que o cristianismo é uma opção religiosa mais “light” que o judaísmo daquela época – o que não torna este fato primordial em relação ao conteúdo da própria pregação. Ao menos uma epístola, a dos Gálatas<sup>21</sup>, é dedicada à questão da circuncisão, de

---

10 cf. <http://www.bibliaonline.com.br/acf/atos/15>

11 [http://pt.wikipedia.org/wiki/Conc%C3%ADlio\\_de\\_Jamnia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Conc%C3%ADlio_de_Jamnia)

12 Ver comentários da Bíblia do Peregrino, editora Paulus, 2002, páginas 2317-8,2392-3,2448-9 e 2543-4.

13 Por exemplo, Psicologia da Religião, de Merval Rosa, Casa Publicadora Batista, 1971.

14 cf. <http://www.bibliaonline.com.br/do/atos/1>

15 Cf <http://www.bibliaonline.com.br/do/rm/1>

16 Cf <http://www.bibliaonline.com.br/do/1co/1> e <http://www.bibliaonline.com.br/do/2co/1>

17 cf. <http://www.bibliaonline.com.br/do/ef/1>

18 cf. <http://www.bibliaonline.com.br/do/fp/1>

19 cf. <http://www.bibliaonline.com.br/do/cl/1>

20 cf. <http://www.bibliaonline.com.br/do/1ts/1> e <http://www.bibliaonline.com.br/do/2ts/1>

21 cf. <http://www.bibliaonline.com.br/do/gl/1>

22 cf. <http://www.bibliaonline.com.br/do/1tm/1> e <http://www.bibliaonline.com.br/do/2tm/1>

23 cf. <http://www.bibliaonline.com.br/do/tt/1>

24 cf. <http://www.bibliaonline.com.br/do/fm/1>

ponto de vista teológico.

Por outro lado, com os sucessivos escândalos envolvendo pseudoapóstolos contemporâneos, pastores caçadores de dízimos e de assentos na política secular, não se pode condenar alguém por não ter uma opinião favorável aos ministros cristãos. Mas, diferindo destes lobos em pele de cordeiro, Paulo não teve uma vida confortável: açoitado 5 vezes com chicote e 3 com varas, apedrejado 1 vez, 3 naufrágios e 24 horas perdido no mar<sup>25</sup>. Passou preso em Roma durante meses, antes de ser executado durante o reinado de Nero. Se tivesse o “senso de marketing” da atualidade, sua vida, e seu fim, teriam sido bem mais suaves.

**Religião e política.** “ Religião e política, como se vê na própria história do cristianismo, andam juntas. Isso, é claro, não precisa ser um problema. Na verdade, seria simplesmente impossível pedir às pessoas que não levassem em conta seus valores (às vezes amparados em ensinamentos teológicos) na hora de fazer suas escolhas. As dificuldades aparecem é quando a lógica religiosa, que opera com absolutos morais, se impõe sem filtros, liquidando mecanismos mais mundanos de negociação política. É claro que o fanatismo ocorre também em contextos não religiosos. A capacidade humana de aferrar-se a ideias em geral tolas já é maior do que o desejável, mas, quando o sujeito acredita ter Deus e a verdade a seu lado, ele se supera em intolerância e matanças.” Pouco há a discordar desta parte ou ultimo parágrafo: “Não creio que a democracia brasileira ou o Estado laico estejam ameaçados, mas seria bom se pudéssemos manter lógicas absolutistas que favorecem o fanatismo longe da política. Só por precaução.”

**O antissemitismo.** É inegável sua existência, incluindo dentro da própria igreja. E é inegável que, em qualquer época ou lugar que a Igreja de Cristo atuou amparada por este conceito, traiu seu Senhor. Quando teólogos de peso, e não importa quais, assumiram tais posturas, não foram técnicos o suficiente em seu trabalho para separar influências culturais das Escrituras. A igreja não deve se esquecer também deste pecado institucional e, frequentemente, pessoal, em conjunto com dezenas de outros, pedindo perdão àqueles que ofendeu, destratou ou matou, e clamando ao Seu Senhor por transformação onde pecou.



---

25 cf. <http://www.bibliaonline.com.br/nvi/2co/11/24+>